
JÚLIA RAMOS (1896-1984): LEMBRANÇAS DE UMA EDUCADORA

Viviana Soares da Silva
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
viviana_soares@hotmail.com
Maria Lúcia da Silva Nunes
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
mlsnunes@yahoo.com.br

Situando o estudo

Este estudo é uma produção oriunda do projeto Nomes de escola: lugar de (não) memória de mulheres? (PIBIC), vinculado ao HISTEDBR/PB, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação/CE/UFPB. O projeto referido objetiva revelar a história das mulheres que dão nome às escolas da rede pública de ensino no Estado da Paraíba, voltando-se para as contribuições trazidas pela Nova História Cultural que provocaram uma ampliação de fontes para a historiografia, bem como a abertura para novos sujeitos, novos objetos e novas abordagens.

Muitas dessas mulheres, patronesses das instituições de ensino, além de desenvolverem suas práticas pedagógicas por várias décadas, foram partícipes ativas dos movimentos políticos e culturais de seu tempo. No entanto, hoje, sua memória parece silenciada pelo esquecimento. Sendo assim, objetivamos, neste texto, reascender a história da educadora Júlia Ramos, uma personalidade importante para o bairro da Torre, um dos bairros mais antigos, tradicionais e ricos culturalmente da cidade de João Pessoa. O bairro da Torre, como hoje é conhecido, recebeu inicialmente o nome de Torrelândia, ou seja, terra dos Torres (da família Torres). Algumas versões divergem entre si acerca da data de fundação do bairro e nas fontes oficiais não há um consenso para esta questão. Consolidou-se como um importante centro comercial da cidade, onde se pode encontrar todos os tipos de lojas, bem como hospitais, instituições de ensino, farmácias e igrejas.

Tendo em vista a escassez de fontes documentais, nosso estudo desenvolve-se a partir da metodologia da história oral que “trata-se de uma metodologia que possibilita a criação de fontes para estudos que levem em conta as experiências e os pontos de vista dos indivíduos”. (HARRES, 2004, p. 144). Foram realizadas e analisadas entrevistas com Terezinha Rodrigues Ramos, 77 anos, nora de Júlia Ramos e com José Faustino de Oliveira, 89 anos, ex-vereador e amigo de Dona Júlia, como era respeitosa e carinhosamente tratada pelos moradores.

Associada a esta, empregamos algumas informações documentais encontradas no Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) que recebe o nome da educadora, com o objetivo de construir uma biografia da personagem em destaque. Segundo Madelénat (1984, apud BORGES, 2006, p. 226), “A biografia gerencia uma parte da memória, liofiliza o passado em módulos prontos para serem consumidos, irriga docemente hoje os encantos dos tempos de outrora”.

Traços biográficos de Júlia Ramos

Seu nome completo era Júlia Ramos da Silva. Nasceu em Araruna (PB) no dia 25 de novembro de 1896. Era filha de José Gonçalves Ramos e Emília Medeiros Ramos. Compunha uma família de cinco irmãs, sendo elas: Maria Emília Medeiros Ramos, Arcina Medeiros Ramos, Anália Medeiros Ramos (professora do Estado), Nautília Medeiros Ramos e Júlia Ramos.

Casou-se em 22 de dezembro de 1920 com João Florentino da Silva, falecido no ano de 1928, em um desastre durante uma viagem. Com ele teve três filhos: José Ramos da Silva nascido em 1922, Severina Ramos da Silva nascida em 1924 e João Ramos da Silva em 1926.

Formou-se na Escola Normal de João Pessoa, dedicou sua vida ao ensino, à formação das novas gerações e à solidariedade.

Dona Júlia foi uma das primeiras professoras aqui da Torre que procurou trazer àquela população mais pobre um conforto para que eles pudessem “desarnar” as primeiras letras, né? Quando na época ela chegou a colocar na sua própria casa uma escolinha para ensinar aqueles menos favorecidos, cobrando apenas uma pequena taxa, dois cruzeiros por mês, e acredito que ela, na época, preparou muita gente que não tinha condições. (Sr. José Faustino, entrevista em 30/09/2010).

Por ser uma das moradoras mais antigas e por ter criado a primeira escola do bairro, foi considerada a primeira professora da Torre.

Ela era muito antiga aqui no bairro. Olhe, eu casei em 55, ela já morava há mais de vinte anos aqui no bairro, então a primeira escola foi dela mesmo, não teve outra escolinha não, depois começaram a aparecer uns grupinhos escolares, aí foi melhor, a situação foi melhorando, mas foi ela que reinou mesmo aqui como professora. Oh, ficou conhecida pelo bairro inteiro. (D. Terezinha, entrevista em 30/09/2010).

Aqueles que tiveram a chance de conhecer pessoalmente Dona Júlia Ramos a descrevem como uma pessoa inteligente, espirituosa, habilidosa e criativa. Era uma das moradoras mais ativas da comunidade, pois participava de todas as festividades do bairro. Graças às suas habilidades manuais e seu gosto artístico, era convidada para confeccionar peças decorativas, como o estandarte da escola de samba Malandros do Morro, inicialmente chamada de Batutas do Samba. Esta é uma das agremiações mais conhecidas do carnaval da Capital, fundada em 1956 no bairro da Torre pela ação de três amigos que se inspiraram na iniciativa carioca de promover o samba. Pintou também as bandeiras utilizadas no período carnavalesco pelos Índios Africanos da Torre. Esta tribo indígena foi fundada em 1918 e já obteve 47 títulos consecutivos nos desfiles. Os Africanos da Torre já se apresentaram até fora do Estado da Paraíba, com as cores preto, vermelho e branco.

O período do carnaval era com ela mesma. Ah minha filha, vinha os índios, ela pintava a bandeira. Era cada bandeira que ela fazia dos estandartes, cada coisa linda. Eles vinham buscar, o bairro da Torre todo ficava na frente da casa dela esperando a chegada dos índios, porque eles quando vinham receber a bandeira, eles dançavam a dança completa e ela dava um lanche a eles. Ficava ali com eles naquela alegria e eles saíam satisfeitos, porque quem quiser que vá olhar as bandeiras pintadas por ela dos índios africanos da Torre, que tinha como Cacique o senhor João (ele parece que morreu), seu João era uma pessoa boa também esse Cacique, todo ano ela fazia essas bandeiras e era uma coisa muito boa. Fez também, vários anos, a bandeira da escola de samba Malandros do Morro, ela também fazia e era bom demais, viu? porque o povo dançava na frente da casa dela, era uma alegria sem fim. Ela era alegre, era alegre demais, a alegria tava com ela à hora toda. (D. Terezinha, entrevista em 30/09/2010).

Júlia Ramos era considerada uma pessoa moderna para o seu tempo. Costumava alertar aos que estavam a sua volta sobre acontecimentos que pareciam inconcebíveis naquela época.

Muito moderna. Ela às vezes dizia as coisas, a gente pensava que jamais aquilo iria acontecer, mas agora, tá acontecendo tudo o que ela dizia, era uma pessoa futurista ela. Moça e rapaz se entenderem antes do casamento, para ela não era novidade. Ela sabia que isso iria acontecer. (D. Terezinha, entrevista em 30/09/2010).

Faleceu de uma parada cardíaca no dia 25 de abril de 1984. Deixou vinte e um netos e muita saudade no coração dos familiares e amigos que tiveram o privilégio de conhecer uma mulher de semblante altivo que revelava paciência, calma, alegria, amor e solidariedade.

Educando com solidariedade

Durante muitos anos, lecionou em sua própria escola que funcionava em sua casa. Ela mesma elaborava as atividades da escola, mas tinha acesso aos livros didáticos que pegava na Secretaria do Estado para poder acompanhar o programa de alfabetização. A escola não tinha muita estrutura física, atendendo em média 35 alunos por ano, possuía apenas algumas mesas grandes com bancos nos quais os alunos sentavam-se. Onde funcionava a escola, funciona hoje um supermercado chamado La Torre para o qual a casa foi vendida.

Dona Júlia acolhia a todos, desde os alunos em condições de pagar mensalidades quanto àqueles mais necessitados, cujos pais não tinham recursos para custear a educação dos seus filhos. Esses últimos alunos, não apenas eram dispensados do pagamento, como recebiam alimentação durante o período escolar.

Ah minha filha os alunos? Ela tratava com amor e carinho, era a menina dos olhos dela era aqueles alunos. Pra eu lhe dizer, ela não deixava um aluno assistir aula sem tomar o cafezinho da manhã, porque os alunos dela eram misturados, tinha gente da classe média, da classe mais pobre. Aqueles pobrezinhos que não tinham tomado o café da manhã, ela tava com ele pronto, quando eles chegavam, ela distribuía o cafezinho pra eles, era um bolo, era um cuscuzinho. Os cuscuzinhos eram feitos assim: com leite de coco ou com leite de gado, porque tinha uns que podiam comer o leite de gado e outros não, só o leite de coco, e por aí ia, ninguém passava fome na classe dela, ela dizia que eles ficavam alegres, satisfeitos. (D. Terezinha, entrevista em 30/09/2010).

Embora a escola fosse particular, Dona Júlia buscava a ajuda daqueles que tinham mais condições e recebia um auxílio do Estado para as despesas, pois muitos pais não pagavam a mensalidade da escola.

Ela recebia uma manutenção, uma gratificaçãozinha do Estado pra negócio de limpeza, essas coisas, pra ajuda, né? porque quando eles foram lá visitar viro, que ela tava muito interessada, aí fizeram isso. Ela recebi... mas a escola era particular, ela recebia dos alunos, mas quem pagava ficava pago, quem não pagava também. Ela não fazia questão por nada. Era uma pessoa muito meiga ela, carinhosa, visitava os alunos (D. Terezinha, entrevista em 30/09/2010).

Acreditava e confiava nos alunos, transmitindo grandes conhecimentos na hora de ler e escrever. Além de alfabetizá-los, cativava a amizade dos alunos visitando-os em suas casas, conversando, animando-os e mostrando que o trabalho comunitário estava ligado ao bairro. Encontrou na educação uma forma de demonstrar o que ela entendia por vocação de fazer o bem.

Ela achava que as pessoas pobres tinham um defeito muito forte por não querer estudar, mas que ao estudo sempre foi uma da dedicação dela de trazer todas aquelas crianças, às vezes convencida até os pais a mandar seus filhos para que ela pudesse aperfeiçoá-las nas primeiras letras. Aqui na Torre foi ela a verdadeira desbravadora da educação, do primeiro... dos ensinamentos, das primeiras letras e da... a magia da pequena sociedade de união e de muita força que ela sempre fazia para que a sociedade vivesse em união sempre (Sr. José Faustino, entrevista em 30/09/2010).

Para ela, educar era mais que simplesmente fazer ler e escrever, era tornar apto para a vida. D. Terezinha tenta resumir em versos simples o pensamento da educadora Júlia Ramos:

Ela sempre dizia:
“Quem não estuda não vence,
As batalhas que surgem na vida,
Quem quiser neste mundo viver,
Terá sempre uma luta por lida,
Procurando na vida ter,
Muita cultura e muito saber”. (D. Terezinha, entrevista em 30/09/2010).

Um nome só não basta para lembrar

Júlia Ramos teve grandes contribuições para o bairro da Torre e foi o seu legado que lhe fez merecedora de ter o nome em uma instituição de ensino, mesmo tendo sido a sua irmã professora do Estado, foi ela a homenageada.

Eu, na qualidade de representante do bairro como vereador na época, achava que merecia a Torre, ter uma Creche aonde os filhos das mães mais pobres, mais necessitadas, pudesse deixar seus filhos para poder conseguir um trabalho nas fábricas, nas indústrias. Então, analisando isso, no meu conhecimento achei que a maior merecedora seria Dona Júlia Ramos, por se tratar de ser uma das primeiras desbravadoras da educação no bairro da Torre como mestra. Ela era merecedora por se tratar de ser uma grande educadora, uma grande mãe, viúva, mãe de três filhos e o seu comportamento, a sua dedicação pelo ensino é de uma maneira destacável que ela fazia questão de trazer o aluno para sua aula e nem fazia questão de cobrar a pequena quantia que era necessária, por isso ela mereceu isso. (Sr. José Faustino, entrevista em 30/09/2010).

Porém questionamos: Que memória de mulher se esconde por trás de um nome gravado numa placa ou grafado num muro de uma escola? De que memória se está falando? Em que lugares a memória se encontra? Silva e Silva revelam (2006, p. 276): “A memória recupera o que está submerso, seja do indivíduo, seja do grupo, e a história trabalha com o que a sociedade trouxe a público”. Colocar o nome no muro ou na fachada de uma instituição não garante a permanência da memória daquele que tem seu nome ali posto.

Segundo Pollack (1992, apud MOTTA, 1998, p.79), a memória é constituída pelos seguintes elementos:

- a) acontecimentos vividos pessoalmente, b) vividos “por tabela”, ou seja, as possibilidades abertas pelo fenômeno da projeção ou de identificação tão forte com um passado, que pessoas que não o viveram se sentem co-participantes e sujeitos desse mesmo passado, c) o fato de que a memória é constituída por personagens, e d) os lugares da memória, onde são realizados os atos de rememoração/comemoração.

Apesar de ser homenageada com o nome posto em uma instituição de ensino da rede municipal na cidade de João Pessoa e de suas contribuições para a educação, Júlia Ramos pouco é lembrada ou sequer conhecida pela comunidade escolar e pela sociedade atual.

Considerações finais

A biografia tem se utilizado da memória, em fontes orais ou escritas, oriundas de arquivos públicos ou privados, para constituir histórias de vida. Ao fazer este estudo, trazemos à tona às lembranças dessa educadora carismática, bondosa e solidária, tornando pública a sua participação enquanto sujeito da formação da sociedade paraibana. É bem verdade que existem lacunas e que a construção desta biografia está apenas no início, tendo em vista que encontramos vestígios que apontam para outras vertentes da história desta educadora. Mas já é possível afirmar que para Júlia Ramos o exercício do magistério assumiu o caráter de sacerdócio, de doação, de ação solidária, postura tantas vezes estimulada nessa profissão e que também contribuiu para associá-la a uma ocupação feminina, trazendo em seu âmago as atribuições “naturalizadas” para a mulher: cuidar, doar-se, abnegar-se. Por outro lado, há que se destacar em sua prática educativa um marcante caráter social e cultural. Perceber esses elementos na prática da educadora em questão não diminui em nada a sua importância para a história da educação na Paraíba. Pelo contrário, dá-nos a certeza de que a mesma faz jus ao título de educadora e ao nosso esforço em publicizar suas contribuições.

Almejamos expor a memória de Júlia Ramos para que as novas gerações possam associar seu nome à importância de sua atuação na história da educação paraibana, reconhecendo os seus feitos e seu caráter alegre e perseverante.

Referências

BORGES, Vany Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. (203 -233).

HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre história de vida e autobiografia. Revista de História UNISINOS, vol 8, n. 10, jul-dez, 2004. (143-156).

MOTTA, Márcia Menendes. História e memórias. In. **História: pensar – fazer**. Laboratório Dimensões da História. Rio de Janeiro: UFF, 1998.

SILVA, Kalina Vanderley; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

Sites consultados:

<<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/?n=13145>> Acesso em 11 outubro 2010.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Torre_%28Jo%C3%A3o_Pessoa%29> Acesso em 11 outubro 2010.

<<http://www.clickpb.com.br/artigo.php?id=8844&cat>> Acesso em 11 outubro 2010.

<<http://www.cchla.ufpb.br/conhecimentoemdebate/arquivos/50219092008070555-artigo%2520conhecimento%2520em%2520dbt.pdf>> Acesso em 11 outubro 2010.

Fontes orais:

Terezinha Rodrigues Ramos, entrevista em 30 de setembro de 2010.

José Faustino de Oliveira, entrevista em 30 de setembro de 2010.